

AVALIAÇÃO EM CURSOS À DISTÂNCIA: O PAPEL DO TUTOR



Prezado Cursista

Neste texto, recordaremos aspectos sobre a função da avaliação na aprendizagem, o novo modelo pedagógico tendo o aluno como foco da aprendizagem, o trabalho em equipe e o papel do tutor nesse cenário educacional.

AVALIAÇÃO EM CURSOS À DISTÂNCIA: O PAPEL DO TUTOR

Waldyr Azevedo Junior¹⁹

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade)*

O processo educacional escolar, pelo fato de ser uma atividade humana, é um processo intencional. Isto significa que ele é planejado para atingir diversos objetivos explícitos, dos domínios cognitivo e afetivo, ao fim de um prazo determinado.

Definidos os diversos objetivos, organizam-se meios para que o processo educacional leve ao atingimento dos diversos objetivos explicitados. Esses meios são edifícios, equipamentos, professores, materiais educacionais tais como livros didáticos, mapas, computadores, programas de computadores, laboratórios, quadro-negro, giz; também temos funcionários e estratégias pedagógicas, experiências educacionais planejadas.

Tendo sido criado um determinado curso, e funcionando ele dentro do prazo previsto, aparece a pergunta fundamental: depois do trabalho executado por estudantes, professores e funcionários, **foram atingidos os objetivos?**

Esta pergunta é também chamada de avaliação do trabalho realmente desenvolvido ao longo do curso. Ela envolve um conjunto de julgamentos a respeito da adequação dos meios que foram planejados para que os estudantes alcançassem os objetivos desejados. Sua finalidade essencial é a de construção: se algum meio ou experiência de aprendizagem não estiver levando aos objetivos previamente formulados, então é necessário pensar em outras estratégias que possibilite a aprendizagem dos envolvidos no processo. Por isso, dizemos atualmente que a avaliação deve ser formativa, ou seja, ao longo do processo, e não apenas somativa, que prioriza uma análise do produto, daquilo que o sujeito apresenta ao final do curso.

Pensando nestas questões, o texto apresenta dois objetivos:

- **discutir a função da avaliação na modalidade da educação à distância**
- **ênfatar o papel do tutor neste processo.**

¹⁹ Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Começando a conversa...

Meu caro Cursista, vamos começar por caracterizar o processo educacional e o papel que a avaliação desempenha nele. Durante muito tempo, tem perdurado em nosso país uma visão de educação que pode ser rotulada de visão tradicional. Provavelmente você, como eu, foi fruto desse tipo de educação. Vamos caracterizá-la principalmente como tendo o foco no ensino. O professor é o centro do processo de ensino/aprendizagem. Ele ainda vigora em boa parte dos diversos níveis de formação, desde a educação fundamental até à pós-graduação, em escolas de bom renome, públicas e privadas.

Embora existindo as práticas diversas de laboratório, ou de aulas práticas, conforme o tipo de curso, a aprendizagem é entendida como uma transmissão de conhecimento do professor ao aluno, muito comumente através de aulas expositivas. A avaliação é feita através de certo número de provas individuais ao longo do semestre letivo (comumente três), recebendo uma pontuação. Quem não atingir a pontuação mínima, deve repetir o semestre letivo.

Você pode dizer, caro Cursista, que estou simplificando demais as coisas. Talvez. Mas, provavelmente, reconheceu o modelo acima descrito. Faça isso para estabelecer um contraste com a nova visão de educação, uma visão constante de quase todos os nossos documentos oficiais, mas que leva tempo para ser implementado.

A avaliação responde às necessidades de quatro setores diferentes:

- os alunos – com o *feedback* sobre a sua progressão, e muitas vezes com a certificação dos resultados alcançados
- os professores – com informações sobre como os alunos estão a sair-se no curso, e sobre os seus pontos fortes e fracos como alunos; *feedback* sobre a qualidade das atividades e recursos do curso, e um mecanismo para verificar os resultados alcançados pelos alunos
- a instituição – com a prova de terem sido alcançados os objetivos visados, validação de cursos e programas, e *feedback* sobre a eficácia das estratégias de ensino e aprendizagem
- a sociedade – com a confirmação de que os alunos alcançaram um determinado nível e estão preparados para certas ocupações, e informações sobre a eficácia da instrução numa determinada instituição¹.

Você pode observar no fragmento acima quantos atores estão envolvidos no processo de avaliar. Atualmente, nossos documentos oficiais falam de uma visão de educação para o século XXI. Foi definida uma nova estratégia educacional que coloque o aluno no centro do processo educacional e não, como anteriormente, o professor. Como resultado dela, teremos “cidadãos éticos, capazes de construir conhecimento, ler e interpretar criticamente o mundo e de agir sobre a realidade, melhorando a própria vida e a da comunidade”.²⁰ Ou seja, o foco não é mais, como anteriormente, a captação de conteúdos e a repetição deles em ocasiões determinadas, para cumprir uma exigência de avaliação não suficientemente refletida. O foco é de dotar os alunos do instrumental para que eles próprios sejam capazes de construir o seu conhecimento. Em outras palavras, uma pedagogia da autonomia.

²⁰ NEVES, C. M. **A Pedagogia da Autoria**. SENAC: Boletim Técnico, v. 3, set./dez. 2005.

Qual a razão disto? A razão é o crescimento acelerado da produção científica, artística e tecnológica no mundo todo. Hoje já não é mais possível o estudante sair da Universidade, digamos, com todo o conhecimento julgado útil para o exercício de uma profissão. Este é um consenso mundial. Então, para fazer frente a isto, a educação é pensada como um aperfeiçoamento continuado, no qual o aluno assume responsabilidade pela sua própria formação. Mas, para ser capaz disto, ele deve aprender a formular seus próprios problemas, a trabalhar de modo autônomo e rigoroso, a buscar as informações pertinentes e a chegar às suas próprias conclusões. A ênfase desloca-se da assimilação dos conteúdos para o processo de assimilação de conteúdos.

Neste ponto, meu caro Cursista, posso prever uma pergunta nascendo em sua mente. Algo como: “Esta nova visão implica que não importam muito os conteúdos em que o aluno trabalhe? Qualquer coisa serve?”

Não é bem assim. Como foi dito, a diferença em relação à visão tradicional do processo educacional é de ênfase. Não há como haver processo educacional sem haver um conteúdo educacional. Se levássemos ao extremo a visão de aquisição da capacidade de aprender de modo autônomo, chegaríamos a uma posição em que os alunos se veriam condenados a repetir o longo processo de elaboração cultural que a humanidade levou séculos para estabelecer. Se tudo devesse ser redescoberto, então os alunos teriam de reinventar as leis da física, da química, da biologia... Isto soa absurdo, não é?

Por outro lado, a visão sócio-interacionista da aprendizagem, amplamente defendida por um grande número de círculos educacionais em nosso país, salienta que as pessoas aprendem por inserção na cultura circundante. Os mais velhos ensinam os mais jovens. Portanto, não há como escapar que o tutor, vez por outra, dê uma boa pista para seus alunos. Afinal, você é um tutor.

Neste ponto, podemos já vislumbrar algumas das funções do tutor num curso que privilegie os objetivos de alunos “capazes de construir conhecimento, ler e interpretar criticamente o mundo”. São as funções de estimular a curiosidade dos alunos, de ajudá-los a formular seus problemas, de ensiná-los a pensar de modo rigoroso, de apontar informações que eles devam buscar para chegar às suas próprias conclusões... e dar alguma ajuda em relação a aspectos da aprendizagem deles, na medida em que o tutor encontra-se mais adiantado em termos culturais.

Como você pode ver, esta não é uma receita. Vai depender de sua sensibilidade não cair no velho esquema de “dar a resposta certa” que os alunos eventualmente solicitem, embora o material pedagógico, assim como as experiências de aprendizagem materializadas em cada curso devam também atender aos objetivos de estimular a autonomia de estudo dos alunos. O esquema tradicional de ensino está enraizado por tempo demais para que haja uma mudança fácil para a nova visão.

Obviamente, temos expectativa no processo de avaliação. Na educação a distância isso não é diferente e a avaliação do tutor não foge a isso.

Expectativas dos alunos na avaliação pelo tutor²¹
• confirmação: confirmação da recepção do trabalho e saberem se o trabalho estava completo ou se havia alguma coisa que era necessário completar para que pudesse ser classificado
• profundidade: que o tutor dedique o tempo necessário para ler o trabalho deles na íntegra, e que o comente refletidamente, com um nível de detalhe apropriado
• oportunidade de esclarecimento: que o tutor lhes diga se algum elemento do contexto e das bases do seu trabalho não estava claro, de forma a que o aluno tenha oportunidade de o esclarecer
• respeito: que o tutor os trate com respeito, o que significa dar-lhes um <i>feedback</i> útil e construtivo, que vise apoiar a sua progressão como alunos, com as críticas apontadas para o seu trabalho, não para eles próprios como pessoas, e que se destine claramente a ajudá-los como alunos
• oportunidade: que respondam prontamente, de forma a que eles possam considerar e aplicar o <i>feedback</i> à etapa seguinte da sua aprendizagem.

Um outro aspecto essencial da nova visão do processo educacional é o estímulo ao aprendizado em equipes. O trabalho em equipe é uma habilidade fundamental para qualquer tipo de trabalho no século da informação. As interações entre os pares no empenho de resolver um problema aceleram muito a aprendizagem; porém, apresentam outros obstáculos, específicos a elas. Não basta pôr as pessoas juntas para que elas funcionem como uma equipe. Elas precisam ter papéis diferenciados, além de cumprir funções individuais.

O grupo deve planejar, distribuir, executar e controlar as tarefas combinadas. O grupo deve aprender a chegar a um consenso sobre um objetivo comum, deve aprender a fazer uma lista de tarefas que, realizadas, conduzam ao objetivo final; deve aprender a fazer um cronograma de tarefas, deve saber distribuir as tarefas e controlar sua execução. O grupo deve saber como envolver a todos e como lidar com fracassos na execução. Um aspecto muito importante no trabalho de grupos é saber como gerenciar conflitos que inevitavelmente aparecerão entre os seus membros.

A aprendizagem colaborativa é altamente recompensadora. Entretanto, não ocorre naturalmente. Neste ponto é que o tutor desempenha um papel muito importante de orientador do trabalho. O ponto é que os próprios estudantes devem assimilar esses conhecimentos sobre a forma de trabalho, que são pouco explorados na visão tradicional de aprendizagem.

Mais algumas palavras!

Resumindo, meu caro Cursista, em primeiro lugar o tutor deve utilizar os objetivos de aprendizagem explicitados para cada curso em particular. Deve tentar responder à pergunta fundamental: “Os objetivos estão sendo atingidos?”. Para isto, você deve utilizar critérios específicos a cada curso, incluídos no projeto do curso. Eles devem auxiliar você a responder a esta pergunta, a identificar a causa de determinados objetivos não estarem sendo atingidos e a propor formas alternativas de trabalho com os alunos em dificuldades. Esta avaliação deve ser feita continuamente, a cada dia, de modo que a forma de aprendizagem possa ser rapidamente corrigida e aos alunos seja possível aprenderem o que se espera que aprendam. O papel do tutor é principalmente o de facilitador da aprendizagem, segundo a visão contemporânea de aprendizagem.

²¹ O'ROURKE, Jennifer. **Tutoria no EAD:** um manual para tutores. Disponível em: www.abed.org.br. Acesso em 30 jul. 2008.

Para este texto consultamos:

BEHRENS, Marilda Aparecida, **Projetos de aprendizagem colaborativa num Paradigma Emergente**, in: "Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica", Moran, J. M. (ed.), Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

HOFFMANN, Jussara, **Avaliação: mito e desafio**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 32. ed. Revista, 2003.

_____ **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1993. 20. ed. Revista, 2003.

MORAN, José, **Mudanças profundas e urgentes na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/profundas.htm> Acesso em: 17 ago. 2008.

MORAES, Maria Cândida, **O paradigma educacional emergente**, Campinas, SP: Papyrus, 1997.

NEVES, Carmen M., **A pedagogia da autoria**. SENAC: Boletim Técnico, v. 3, set./dez. 2005.

Mas a conversa continua...

Vimos que não há uma receita pronta, mas existem instrumentos e orientações que você pode seguir para levar a bom termo sua função. Por isso, indico a você outras leituras que podem ampliar a sua visão sobre o assunto tratado aqui.

<http://www.campogrupal.com/dinamica.html>

<http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap28/cap28.htm>